

EDIÇÃO DE DOCUMENTOS E ESTUDO DO VOCABULÁRIO DO CHARQUE NA REGIÃO SUL DO BRASIL: CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: BREVES APONTAMENTOS

Cátia Schreiner¹

RESUMO

O presente artigo traz alguns fragmentos da tese de doutoramento intitulada: *Edição de Documentos e Estudo do Vocabulário do Charque na Região Sul do Brasil: contribuição à história do português brasileiro*. O propósito deste texto é de apresentar uma breve contextualização histórica do charque, demonstrar, em linhas gerais, a metodologia empregada no estudo do vocabulário do charque, que culminou num estudo lexicográfico. O exame desses foram feitos à luz de estudos filológicos, lexicográficos e lexicológicos, com a finalidade de suscitar uma discussão sobre o grau de influência do dialeto caipira paulista no sul do Brasil, com a economia do charque.

Palavras-chaves: charque, lexicologia, filologia, lexicografia, glossário.

Introdução

O objetivo geral da tese de doutoramento intitulada: *Edição de Documentos e Estudo do Vocabulário do Charque na Região Sul do Brasil: contribuição à história do português brasileiro* - foi realizar um estudo do vocabulário do charque no sul do Brasil, propondo uma discussão sobre a sua influência e contribuição na variedade e expansão da Língua Portuguesa. Este artigo, por sua vez, tenciona apresentar uma breve contextualização histórica do charque, demonstrar, em linhas gerais, a metodologia empregada no estudo do vocabulário do charque, que culminou num estudo lexicográfico, compilado em um glossário. O artigo visa, ainda, reproduzir alguns verbetes e entradas para a visualização do leitor.

¹ Doutora pela Universidade de São Paulo - USP. E-mail: catia.schreiner@gmail.com

Considerando a função transcendente² da Filologia, que, de acordo com um dos seus conceitos amplos dicionarizados, estuda as sociedades e civilizações através de documentação escrita, e tendo como apoio a História Social, fez-se necessário, primeiramente, a composição de um *corpus* que fosse capaz de representar o vocabulário do charque. Após a realização de pesquisas bibliográficas e buscas em arquivos públicos, foram reunidos 138 documentos (manuscritos e impressos) dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, que apresentavam o charque como assunto central. Todos os documentos foram fac-similados, e, para facilitar a leitura e minimizar as dificuldades paleográficas nos documentos manuscritos, foi fornecida a edição semidiplomática, que também viabilizou o cotejo das edições.

Para auxiliar tanto no suporte teórico-metodológico do estudo do *corpus*, quanto na composição estrutural glossário³, optou-se por investigar outras fontes documentais, como obras sobre a história geral brasileira, atlas linguísticos e dicionários de Língua Portuguesa. A bibliografia sobre a história geral brasileira auxiliou no estabelecimento das regiões para a compilação do *corpus*, além de sanar dúvidas e ampliar o conhecimento com relação à etimologia e contextualização histórica do charque. A utilização dos atlas linguísticos foi indispensável como base metodológica para desenvolver a pesquisa de campo e para ampliar o arcabouço das lexias pertencentes ao vocabulário do charque. Já os dicionários de Língua Portuguesa, gerais, regionais e de usos, serviram como fonte de consulta para tecer as considerações referentes a esse estudo.

Contextualização Histórica e Etimológica

Etimologicamente, a lexia *charque* é apontada pela maioria dos lexicógrafos, como originária do *quíchua*⁴, *charki*, que significa a carne salgada curada ao sol. Outros, simplesmente, fazem a referência: *charque*, do espanhol, *charqui*. O dicionário Houaiss

² A função transcendente, conforme Spina (1977, p. 77), é aquela "em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica", passando a instrumento que permite a reconstituição da vida cultural de uma comunidade em determinado momento e lugar.

³ A elaboração do glossário e a sua finalidade será explicitada no próximo capítulo do artigo.

⁴ O quechua, segundo definição de Silva (1993, p. 579) é um membro de um povo da América do Sul. O quechua ou quíchua é, também definido como uma família de línguas falada por ente 8 e 10 milhões de pessoas, que se estende pela Bolívia, Peru, Chile, Equador e Argentina.

(2001), por exemplo, menciona a provável etimologia espanhola de charque, mas sugere que sua origem é obscura. Já Joan Corominas, filólogo e etimólogo espanhol, em sua obra, *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellhana* (1992), discorre sobre a etimologia da lexia charque, informando que, por muito tempo, afirmava-se ser de procedência do quíchua, mas que esta teoria é questionável, porque em documentos medievais portugueses foram encontradas ocorrências da lexia *carne de enxerca*, sinônimo de tajano. Corominas afirma que se usava a lexia *enxerqueira* para designar a mulher que vendia carne enxercada, contraposta à carne de talho, que era fresca. O autor prossegue o debate etimológico, apresentando opiniões de outros pesquisadores sobre as possíveis origens da palavra, e, afirma:

Que charque se emplea en los idiomas indígenas y que por reacción de éstos se ha extendido en el castellano local una variante *charque*, de fisonomia aindiada, es indudable, pero esto no cuenta para el origen último del vocablo. En conclusión el problema es dudoso y debrerá sufrir un examen atento por parte de los especialistas (COROMINAS, 1991, p. 34).

Se Corominas e outros lexicógrafos afirmam que um estudo etimológico detalhado ainda se faz necessário, nos parece possível levantar a hipótese de que, dada a proximidade geográfica dos povos, a denominação charque para a carne seca e salgada, produzida no Sul do país, tenha sido incorporada por influência dos falantes de quíchua da América do Sul.

Os questionamentos podem, então, extrapolar os limites da origem do vocábulo charque no Sul brasileiro, estendendo-se para a história da localidade. O estado do Rio Grande do Sul, antes denominado de Província de São Pedro do Rio Grande, ainda dava seus primeiros passos, deixando de ser campo de batalhas territoriais, e passando a utilizar seus recursos naturais, com vistas a se tornar um dos mais prósperos Estados do Brasil.

No século XVIII, a rica pastagem da região e os grandes espaços de vegetação rasteira, permitiam a criação de gado em grande escala. Nesta época, o abate do gado tinha duas finalidades: alimentação e obtenção do couro. Grandes quantidades de gado eram abatidos e carneados, e a produção de couro era fomentada para atender às demandas da metrópole. A carne acabava sendo aproveitada pelas tropas e pela coroa, que abasteciam as naus e fragatas da colônia com barris de carne salgada, sendo usadas para consumo das tropas

e da coroa, deixando as sobras abandonadas pelos campos.

Neste mesmo período, uma grande seca castigou o Nordeste do Brasil, especialmente o Estado do Ceará, que produzia um tipo de carne salgada e seca ao sol, chamada de carne-do-ceará. A grande seca, conhecida pelo nome de “seca dos três setes” (1777), praticamente extingue a produção de carne seca nordestina. Mediante esse cenário, um fabricante de carne-do-ceará, de espírito empreendedor, desgostoso com a forte estiagem, decidiu atravessar o país mudando a história riograndense ao instalar a primeira charqueada às margens do Arroio Pelotas.

Mas o debate sobre a veracidade histórica parece aproximar-se ao debate etimológico, incitando dúvidas sobre a consideração de José Pinto Martins sendo o primeiro charqueador. Segundo alguns historiadores,

Até pouco supunha-se, na falta de dados mais concretos, que Pinto Martins era natural do Ceará e que foi o pioneiro do saladerismo no Rio grande do Sul. Hoje se sabe, graças a pesquisas recentes, que Pinto Martins nasceu em Portugal; ultimamente tem-se repetido, talvez até com exagerada insistência, *que antes de 1779 já se praticava a salgação da carne no território sulino*⁵. (MAGALHÃES, 2001, p. 20).

O que não levanta nenhum questionamento, porém, é que José Pinto Martins introduziu, nas instalações às margens dos arroios, as técnicas usadas no Ceará, transformando-as em indústrias. Assim, impulsionou a economia da região, e mudou o curso da história rio-grandense⁶ e do Sul do país: se antes produzia-se charque em pequena escala, para consumo interno, depois de 1779 essa produção passou a ser realizada para alcançar diversos estados do Brasil e até mesmo outros países e continentes.

Considerando esse cenário, parece indiscutível a importância econômica e sócio-histórica deste produto no Sul do Brasil, o que contribuiu para o interesse desta tese em realizar um estudo do vocabulário do charque, utilizando, para tanto, documentos

⁵ Grifo nosso.

⁶ Pesquisas feitas pelos historiadores da Universidade Federal de Pelotas, Mario Osório de Magalhães e José Plínio Fachel, indicam que no auge do Ciclo do Charque até 38 charqueadas funcionavam numa mesma época e que, a cada ano, eram abatidas entre 400 mil e 1 milhão de cabeças de gado. Juntas, estas charqueadas possuíam mais de 3.000 trabalhadores escravos. Além da relevância histórica e sócio-econômica, atribui-se aos impostos sobre o gado e sobre o charque as causas principais da eclosão da Revolução Farroupilha.

manuscritos e impressos, antigos e modernos, material oral, dicionários de Língua Portuguesa, assim como atlas linguísticos realizados na referida região. Baseado em Cambraia (2005), Alves (1998), Biderman (2001), dentre outros, esta pesquisa abarcou estudos filológicos, lexicográficos e lexicológicos.

O Glossário

Após a formação do *corpus* documental, foi realizada uma seleção de 211 lexias pertencentes ao vocabulário do charque, que foram dispostas em um glossário cuja elaboração teve como finalidade: apresentar as lexias de forma ordenada; definir as palavras e expressões dos vocábulos relacionados ao charque; contextualizar o uso desses vocábulos por meio de abonações extraídas dos documentos editados; e, por fim, fornecer informações e observações pertinentes à significação das lexias.

Como pré-requisito para o desenvolvimento do glossário, faz-se necessário delinear o aporte das ciências que envolvem a descrição de um vocabulário – a Lexicologia e a Lexicografia – para que a terminologia empregada nas discussões esteja de acordo com as bases teóricas, como também sejam aplicados os conceitos adequados.

A Lexicologia, segundo Cabré (1993), descreve o conhecimento linguístico do falante de uma língua sob o ponto de vista do léxico, sendo uma ciência que estuda as palavras que ele conhece e utiliza em situações variadas de seu cotidiano, concentrando-se e embasando-se, portanto, na análise e na descrição da competência linguística desse falante.

As explicações de Biderman (2001, p. 16) complementam a abrangência da lexicologia, definindo “como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. Entretanto, considerando as afirmações do autor de que “o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”, a prática da lexicologia apresenta, por vezes, problemas teóricos que acarretam graves consequências às análises linguísticas neste campo.

A outra disciplina afim, a Lexicografia, pode ser definida como a ciência que se ocupa dos dicionários. Segundo Verdelho (1990), a lexicografia começou a se configurar e se estruturar como disciplina a partir do século XVI, motivada pelo ensino do latim, não mais

caracterizado como língua materna.

Nas origens renascentistas da lexicografia portuguesa, o autor cita as obras de Jerônimo Cardoso (1592) como marcadoras do início da dicionarização da língua portuguesa, e destaca os ortografistas Duarte Nunes de Leão (1576), Amaro Reboredo (1619) e Agostinho Barbosa (1652) como figuras engenhadoras desse processo. Considerando a contribuição dos jesuítas, cita a Prosódia de Bento Pereira (1634) como a obra dicionarística mais importante e representativa dessa ordem religiosa.

A mesma ordem de importância o autor confere ao dicionarista/enciclopedista, Raphael Bluteau (1712), afirmando que “entre os vocabulários bilingues de origem renascentista e os dicionários monolíngues modernos, situa-se a obra mais monumental da lexicografia portuguesa, o Vocabulário Portuguez e Latino” (VERDELHO apud NUNES, 2002, p. 22). O abundante *corpus* lexical, as referências semânticas e as reflexões teóricas constantes em seu Vocabulário fazem de Bluteau um dos autores mais importantes da lexicografia.

Verdelho (1990) também informa que a lexicografia moderna bilingue portuguesa surgiu depois da segunda metade do século XVIII, com as publicações de Bernardo Barcelar, em 1783 e de António de Moraes Silva, em 1789.

Então, foi somente por meio de dicionaristas como Francisco Júlio de Caldas Aulete, Cândido Figueiredo e Moraes Silva que os dicionários se estabeleceram com a função de decodificar e escolarizar a aprendizagem de uma língua, permeando o propósito de ativar a comunicação e, atualmente, sendo considerados peças fundamentais com outra finalidade: o acesso à significação das palavras.

Também as considerações de Biderman (1989, p. 75) reafirmam a importância do dicionário como “instrumento indispensável e imprescindível na fixação do léxico de uma língua e ferramenta fundamental na consolidação de uma língua escrita e literária”.

No Brasil, ainda no final do século XIX, integrantes da Academia Brasileira de Letras apontaram a necessidade de elaboração de um dicionário que abarcasse o português falado e que elencasse as diferenças entre o português brasileiro e o português europeu. Em 1924, Laudelino Freire apresentou um projeto com essas ideias, consolidado anos mais tarde, sob o nome Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa (1939-1944). Nessa mesma

época, a Academia encomendou de Antenor Nascentes uma obra de semelhante tipologia, que deveria seguir o modelo do Dicionário da Real Academia Espanhola (Drae).

Ambas as obras não foram adiante e, segundo Biderman, foi somente com o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda, em 1975, que a lacuna deixada pelos outros dicionários inclusive o PDBLP, (Pequeno Dicionário de Língua Portuguesa) de 1938, foi preenchida.

Entretanto, segundo a autora, nem o Michaelis e a obra de Houaiss, nem mesmo o dicionário do próprio Aurélio, foram, até hoje, elaborados segundo sólidos critérios lexicográficos científicos.

Sobre o glossário, segundo Guerra (2003), na Idade Média eram assim denominados os catálogos independentes de anotações léxicas que eram julgadas como de difícil compreensão para o leitor de uma dada obra.

A menção a ele é antiga, mas seu reconhecimento científico começou a ter espaço em meados do século XVIII. E foi somente no século XIX que o emprego moderno do termo foi reconhecido a William Whenwell, que o definiu, em 1837 como “*systeme des termes employés dans la description des objects de l’histoire naturelle*” (WHENWELL apud REY, 1979, p. 6).

Tal função permanece atualmente, e os glossários são “concebidos en general como inventarios léxicos que se proponen aclarar el sentido de ciertos vocabulos oscuros o poco familiares a los receptores de una obra” (GUERRA, 2003, p. 55).

A autora também define vocabulário, que pode ser entendido como um catálogo de palavras pertencentes a uma região, atividade ou campo semântico definido.

Quando se estuda as ciências lexicográfica e lexicológica, conceituar os termos a serem empregados demanda não só um esforço intelectual como também uma laboriosa pesquisa bibliográfica. Levando em conta que os dicionários linguísticos nem sempre apresentam similaridade entre os termos e conceitos, como menciona Biderman (2001, p. 169) “Termos como palavra e vocábulo da linguagem comum se prestam a equívocos e imprecisões”, e, como forma de justificar a escolha das conceituações adotadas para a

pesquisa, faz-se necessária a definição de alguns desses termos⁷.

Assim, *verbetes* corresponde a cada uma das entradas do glossário com as acepções, abonações, tabelas, análises e meios extralinguísticos; *lexia* se refere a cada item lexical, sinônimo de palavra e vocábulo; e *léxico* e *vocabulário* são entendidos como o conjunto de lexias ou vocábulos, e são considerados nesta pesquisa como sinônimos. Por fim, *glossário* é empregado como o conjunto de termos, uma compilação de lexias organizadas em ordem alfabética, que fornece definições de palavras e expressões usuais ou não e que, neste estudo, engloba termos relacionados ao charque.

Detalhamento dos verbetes e outras informações sobre a composição do glossário

Verbetes

Os verbetes são apresentados usando o critério semasiológico⁸ – ordem alfabética, iniciando com um número cardinal, sendo compostos, na grande maioria, pela entrada, acepção, abonação, tabela, análise e meio extralinguístico⁹.

Entrada

A entrada, objeto da definição, é a palavra ou lexia que abre o verbete. Apresentam-se grafadas em negrito, letra inicial maiúscula, em cor preta. As lexias que são homônimas¹⁰ e homógrafas¹¹ serão marcadas com o numeral após a lexia de entrada. Ex.: **verbetes número 06 – Armazém 1**; **verbetes número 07 – Armazém 2**. Os substantivos e adjetivos são apresentados no masculino singular – com exceção dos substantivos ou adjetivos no gênero feminino, que implicam mudança de significado – e os verbos estão no infinitivo.

⁷ Estas definições não apresentam citação dos autores por terem sido conceituadas através da leitura de diferentes obras, durante o cumprimento da disciplina de Lexicografia e Terminologia em Língua Portuguesa e através de debates no exame de qualificação.

⁸ Semasiológico: que corresponde à semasiologia. Semasiologia: o estudo das relações entre sinais e símbolos, e daquilo que eles representam, marca, significação (CUNHA, 2010, p. 588).

⁹ Entende-se por meio extra linguístico a foto e respectiva legenda.

¹⁰ Homônima: diz-se de ou a palavra que tem a mesma grafia e/ou pronúncia de outra(s), mas significado distinto (BECHARA, 2009, p. 474).

¹¹ Homógrafa: diz-se de ou a palavra que tem a mesma grafia de outra(s), mas significados diferentes (BECHARA, 2009, p. 474).

Classificação gramatical

Apresenta-se sempre abreviada, separada da lexia de entrada por uma barra vertical (|), em cor preta. No caso dos verbos, não foram apresentados, neste glossário, a marcação de regência.

Acepção

Entende-se por acepção o significado de cada lexia. Nesse glossário, foram elaboradas a partir de informações retiradas dos documentos do *corpus*, sem pesquisa prévia em obras lexicográficas. As acepções são apresentadas logo abaixo da entrada, em letra minúscula, padrão negrito e cor verde escura. Quando houver a ocorrência de diferentes acepções em uma mesma entrada, elas são separadas pelo uso de duas barras verticais (||), iniciando em letra minúscula e sem ponto final.

Abonação

Usada na maioria dos verbetes apresentados no glossário, com exceção às lexias provenientes das pesquisas nos atlas linguísticos ou da pesquisa de campo. É identificada pela palavra *Abonação* entre aspas (“ ”), com padrão itálico e na cor preta, estando localizada abaixo da acepção, com letra inicial maiúscula e sublinhada. Quando o trecho da obra ou documento for retirado do meio de frase, o início da citação é marcado com o uso de reticências (...); sendo este mesmo recurso usado caso o trecho não esteja transcrito até o ponto final da frase. Ao término da abonação, entre parênteses, apresenta-se número do documento que foi extraído o trecho, o nome do autor e o ano do documento. Ex. (Doc 115 – A.P.C. 1988). Quando a abonação for extraída dos documentos pesquisados nos arquivos, indica-se, após o número do documento, a cidade em que foi feita a pesquisa. Ex. (Doc 54 – Poa 1871). Nos casos em que não foi possível especificar o ano de escrita do documento, usa-se a abreviatura s/n (sem data).

Remissão

Procurou-se evitar, sempre que possível o uso de remissão, que é indicada pela palavra *ver*, em padrão negrito e cor verde.

Variantes

As variações ortográficas, fonéticas, linguísticas etc. originárias dos documentos estão posicionadas abaixo da abonação, antecedidas pela palavra *Variante*, sem o apontamento dos respectivos documentos a que pertencem originalmente. Já as variantes provenientes das obras lexicográficas apresentam-se após as análises descritivas e, neste caso, há referência à obra da qual foram extraídas.

As pesquisas nos dicionários de língua portuguesa

O léxico, como conjunto de vocábulos de uma língua, não é um produto estático, porque está em constante modificação segundo o uso que os falantes fazem das lexias. Por isso, o estudo da significação das do vocabulário do charque foi ampliado nesta pesquisa para além do *corpus*. Tal ampliação possibilita a realização de um estudo diacrônico das lexias, observando as mudanças e relações dicionarizadas que o vocabulário do charque experimentou ao longo de quatro séculos – XVIII, XIX, XX e XXI – e que influenciaram na formação e expansão da variedade do português brasileiro.

Analogamente ao que acontece com as terminologias que envolvem o estudo do léxico, também as compilações vocabulares apresentam diferentes denominações. Os dicionários, os glossários, os *thesaurus*, dentre outros, por vezes se mesclam e/ou se confundem, deixando aos pesquisadores a difícil tarefa de determinar as propriedades e limites de cada um destes repertórios lexicográficos.

O dicionário pode ser entendido como um tipo de obra que, além de apresentar finalidade didática, foi concebida, em sentido purista, como instrumento de consulta para sanar dúvidas de significação das palavras. Ao longo de sua história, foi elaborado para resolver problemas relativos ao léxico, qualquer fosse a área ou a natureza da dúvida. Guerra (2003, p. 58) assim o define: “...em puridad, el diccionario vendría a ser un conjunto organizado de estudios parciales y con criterio homogéneo del léxico de una lengua”.

Considerando tais funcionalidades conferidas aos dicionários, optou-se pela realização de um estudo diacrônico através da coleta e análise das acepções apresentadas em dez (10) dicionários, sendo estes oito (8) gerais e dois (2) regionalistas – dadas às 211 lexias previamente selecionadas dos documentos e dispostas no glossário. A escolha dos autores, obras e edições seguiu os seguintes critérios:

1. as obras abrangem o mesmo período de datação dos documentos do *corpus* utilizado para a seleção das lexias;
2. os dicionários são monolíngues, em Língua Portuguesa;
3. as obras selecionadas contemplam exemplares produzidos em território português e brasileiro; dada a nacionalidade dos autores dos documentos do *corpus*;
4. ao menos uma das obras escolhidas possui ênfase no uso do léxico;
5. o material inclui exemplares de cunho regionalista, dada a especificidade regional da tese.

Estudos dos dicionários

Os estudos realizados nos 10 dicionários¹², estão dispostos dentro dos verbetes, em forma de tabela. A disposição física que sistematiza o estudo é a seguinte: abaixo da abonação ou da variante, precedendo a tabela, há a indicação: *Ocorrência nos dicionários*. Esta marcação está grafada em letra preta, sublinhada. Abaixo da indicação, apresenta-se a tabela, em cor branca, verde escura e verde clara. Na primeira coluna estão contidas as siglas contendo as letras iniciais do nome de cada autor da obra; nos casos em que a obra apresenta mais de um autor, usa-se o recurso de separação dos nomes com uma barra simples inclinada (/). As siglas estão em padrão negrito, em caixa alta, recurso que se utiliza não só nas tabelas, mas também no corpo das descrições. Na segunda coluna são expostos o ano das obras, em cor preta, ao lado de cada autor a que corresponde. A terceira coluna exhibe em seu cabeçalho

¹² São eles: Vocabulario Portuguez e Latino, de Raphael Bluteau (1712), Dicionario da Língua Portuguesa, de Antonio de Moraes Silva – 2a. edição (1813), Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa, de Domingos Vieira (1873), Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire (1940), Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguêsa, de Caldas Aulete – edição brasileira (1958), Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – 2a. edição (1986), Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar – 1a. edição (2001), Dicionário de usos do português do Brasil, de Francisco da Silva Borba – 1a. edição (2002), Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, de Zeno e Rui Cardoso Nunes – 7a. edição (1996), Dicionário Gaúcho Brasileiro, de Batista Bossle – 1a. edição (2003).

a palavra *Lexia*, que indica a presença ou não da *lexia* de entrada do glossário em cada obra. Para esta marcação, utiliza-se o recurso do sinal de soma (+), caso haja *lexia* ou o sinal negativo (-) caso não haja. Já a quarta coluna, que fornece a indicação de *Acepção corresponde ao glossário*, indica-se com o sinal de (+), a aceção fornecida na obra consultada tenha o mesmo sentido de definição da aceção elaborada para o glossário. Nos casos em que, além da correspondência entre as aceções, o autor mencionar a palavra *charque*, faz-se o uso do sinal positivo duplo (++); e quando não houver correspondência, usa-se o sinal negativo (-).

Lista geral de reduções do glossário:

A.F.M .	Alvarino da Fontoura Marques Marques
A.P.C.....	Antonio Peixoto de Castro
ABHF	Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
adj.	adjetivo
AH/MSV	Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar
AMS	Antonio de Moraes Silva
BB	Batista Bossle
CA	Caldas Aulete
Doc	documento
DV	Domingos Vieira
f.	feminino
Flo.	Florianópolis
FSB.....	Francisco da Silva Borba
L.C.....	Louis Couty
LF	Laudelino Freire
m.....	masculino
Pel.....	Pelotas
Poa.....	Porto Alegre
RB	Raphael Bluteau
s.	substantivo
A.S.H.....	Auguste de Saint-Hilaire
s/n	sem data
v	verso
v.....	verbo
ZCN/RCN	Zeno Cardoso Nunes /Rui Cardoso Nunes

Exemplos de verbetes do glossário:

morte do boi || carneação do boi para o preparo do charque || esquartejamento

Abonação: “O arroz carreteiro é, sem dúvida, a mais popular de todas as apresentações culinárias à base de charque” (Doc 75 – A.F.M. s/n).

Ocorrência nos dicionários:

Autor	Ano Obra	Lexia de Entrada	Acepção Correspondente
RB	1712	+	–
MAS	1813	+	–
DV	1873	+	–
LF	1940	+	+
CA	1958	+	+
ABHF	1986	+	+
ZCN/RCN	1996	–	–
AH/MSV	2001	+	+
FSB	2002	+	+
BB	2003	–	–

Análise descritiva dos dicionários gerais:

Os autores *RB*, *AMS* e *DV* apresentam a entrada abate com o sentido de diminuição, principalmente associada a preço, desconto. Em *LF*, *CA* e *AH/MSV* abate aparece como matança de gado. Já *ABHF* e *FB* não apresentam abate no sentido de diminuição, informando unicamente como efeito ou ato de abater para consumo.

Análise descritiva dos dicionários regionalistas:

Não consta a lexia nas referidas obras.

prato feito com charque e arroz || pedaço de charque frito, refogado com cebola, tempero e cozidos com arroz

Abonação: “O arroz carreteiro é, sem dúvida, a mais popular de todas as

apresentações culinárias à base de charque” (Doc 75 – A.F.M. s/n).

Ocorrência nos dicionários:

Autor	Ano Obra	Lexia de Entrada	Acepção Correspondente
RB	1712	–	–
AMS	1813	–	–
DV	1873	–	–
LF	1940	–	–
CA	1958	–	–
ABHF	1986	+	+
ZCN/RCN	1996	+	+
AH/MSV	2001	+	+
FSB	2002	+	+
BB	2003	+	+

Análise descritiva dos dicionários gerais:

Os dicionários *RB*, *AMS*, *DV*, *LF* e *CA* apenas apresentam a entrada arroz. A entrada do verbete conforme o glossário consta somente em *ABHF* como prato da culinária típico do sul do Brasil. O autor, ao especificar o modo de preparo, cita como ingredientes no preparo a carne seca e a carne-de-sol ao invés do charque. *AH/MSV* apresenta como ingredientes do preparo do prato o charque ou a carne-de-sol. *FSB* cita como um prato típico do sul preparado com carne seca ou carne-de-sol. Nota: O que se verifica nos outros dicionários é que a entrada consta como arroz-de-carreteiro. A entrada, correspondente ao glossário, a dizer, arroz-carreteiro aparece somente em *BB*. Optou-se, porém, em incluir na tabela todas as entradas de verbete das obras, grafadas com ou sem o conectivo, julgando tratar-se da mesma lexia. Variantes: *arroz-de-carreteiro* (*ABHF*, *ZCN/RCN*, *AH/MSV*), *carreteiro* (*ZCN/RCN*, *AH/MSV*).

Análise descritiva dos dicionários regionalistas:

Em *ZCN/RCN* e *BB* a acepção dos autores é que este prato é feito com arroz

cozido com guisado de charque.



Fig. 2: Arroz Carreiro
Fonte: Site MS Karate

50

Charqueada | s.f.

estabelecimento onde se charqueia a carne || local onde se abate, salga e prepara a carne charqueada || estabelecimento saladeril || saladeiro

Abonação: “... da charqueada; tirados ou separados estes utensis e objectos deixa de existir a fabrica de charquear, ficando unicamente os galpões e [ca]zas que não valem o preço porque foi a[va]liada a charqueada toda” (Doc 50 – Poa 1870).

“... Em Pelotas, há registros de charqueadas instaladas nas margens do arroio Pelotas, fragata e Santa Bárbara e no canal São Gonçalo” (Doc 35 – Pel. 2007).

Ocorrência nos dicionários:

Autor	Ano Obra	Lexia de Entrada	Acepção Correspondente
RB	1712	–	–
MAS	1813	–	–
DV	1873	+	++
LF	1940	+	++
CA	1958	+	++
ABHF	1986	+	++
ZCN/RCN	1996	+	++
AH/MSV	2001	+	++
FSB	2002	+	++
BB	2003	+	++

Análise descritiva dos dicionários gerais:

AH/MSV e *ABHF* apresentam como sinônimo de charqueada a *lexia tablada* e, em sentido figurado, mencionam que charqueada é o mesmo que vencer o jogo.

Variante: *charqueáda* (DV).

Análise descritiva dos dicionários regionalistas:

ZCN/RCN e *BB* informam que, no Rio Grande do Sul, a expressão fazer charqueada é vencer no jogo, tomando todo o dinheiro dos adversários. *BB* também relata no verbete uma breve contextualização sobre a primeira charqueada instalada no RS. Nota: As charqueadas eram compostos, geralmente, de diversas edificações, como: mangueiras, canchas, galpões, tanques de salga, um local especial para o preparo das gorduras, as barracas de couro, os depósitos, as casas de moradia, e grandes espaços ao ar livre onde estendiam-se os varais para secar as carnes ao sol.

pedaço de carne salgada || grande fragmento unilateral de carne || porção grande de charque

Abonação: “*Em toda a parte onde parávamos na estrada, meu guia perguntava se era possível adquirir uma manta. A manta nada mais é que uma grande faixa de carne seca e nunca foi vendida ao meu guia, pois todos o presenteavam com franqueza. Ele e seus companheiros improvisaram então espetos de pau, com os quais assavam ligeiramente pedaços de carne, sendo a manta logo devorada*” (Doc 126 – A.S.H. 1820/21).

“*Destaca-se, a seguir, em um só fragmento, todos os músculos cérvico-faciais, dorso-lombares e costo-abdominais do mesmo lado: cada um desses enormes fragmentos unilaterais constitui a “manta”, a porção mais apreciada pelos consumidores*” (Doc 86 – L.C. 1880).

Ocorrência nos dicionários:

Autor	Ano Obra	Lexia de Entrada	Acepção Correspondente
RB	1712	–	–
MAS	1813	–	–
DV	1873	–	–
LF	1940	–	–
CA	1958	+	+
ABHF	1986	+	+
ZCN/RCN	1996	+	+
AH/MSV	2001	+	+
FSB	2002	+	+
BB	2003	+	+

Análise descritiva dos dicionários gerais:

RB e *AMS* apresentam a lexia manta de toucinho, definida como metade de um porco aberto. *LF* apresenta inúmeros tipos de mantas e, assim como as obras anteriormente citadas, somente apresenta a lexia manta de toucinho. *CA*, *ABHF* e *AH/MSV* definem a manta como pedaços de carne ou peixe expostos ao sol, e esclarecem que, no sul do Brasil, manta é pedaço de peito e costela de rês. *FSB* apenas generaliza como peixe ou carne secos ao sol.

Análise descritiva dos dicionários regionalistas:

ZCN/RCN e *BB* apresentam a lexia manta como grandes pedaços de rês secos ao sol. Ambos indicam o verbo mantear, como ação de partir a carne em mantas. *BB* ainda menciona um tipo de manta denominada manta da barrigueira. Neste verbete, o autor indica uma remissão para a lexia barrigueira. No verbete barrigueira apresenta a acepção definida como pedaço de charque de rês.

Abonação: “O animal caía sobre uma zorra colocada sobre trilhos e o zorreiro abrindo uma portinhola...” (Doc 111 – A.P.C. 1988)

Ocorrência nos dicionários:

Autor	Ano Obra	Lexia de Entrada	Acepção Correspondente
RB	1712	–	–
AMS	1813	+	+
DV	1873	+	+
LF	1940	+	+
CA	1958	+	+
ABHF	1986	+	+
ZCN/RCN	1996	–	–
AH/MSV	2001	+	–
FSB	2002	–	–
BB	2003	–	–

Análise descritiva dos dicionários gerais:

AMS, DV, LF, CA e ABHF definem a lexia zorra como meio de transporte de pesos, madeiras etc. A acepção dada por *AH/MSV* não foi considerada correspondente, pois o dicionarista define a zorra como carro baixo puxado por tração animal.

Análise descritiva dos dicionários regionalistas:

Não consta a lexia nas referidas obras. *ZCN/RCN* apenas fornece a lexia arrasto, definida como transporte feito em zorra.



Fig. 18 *Zorra*
Xilogravura de Danúbio Gonçalves, Acervo Museu

Considerações finais

Os estudos realizados na tese: *Edição de Documentos e Estudo do Vocabulário do Charque na Região Sul do Brasil: contribuição à história do português brasileiro* foram apresentados resumidamente neste artigo de forma a divulgar o trabalho feito e também para apresentar a metodologia empregada na confecção de um glossário. Este artigo tencionou mostrar uma breve contextualização histórica do charque, e, em linhas gerais, a metodologia empregada no estudo do vocabulário do charque, que culminou no estudo lexicográfico, compilado nas 211 lexias. O artigo visou, ainda, reproduzir alguns verbetes e entradas para a visualização do leitor.

A breve contextualização histórica da etimologia do charque e os exemplos dos verbetes expostos acima oferecerem somente uma parcela do trabalho todo, de modo que o leitor possa, por ora, ter uma noção - ainda que superficial - da metodologia, dos pressupostos teórico-metodológicos e os aspectos adotados na tese em questão.

Referências

ALVES, I. M. *Polissemia e homonímia em uma perspectiva terminológica*. São Paulo: Alfa, 2000.

_____. *Atividades terminológicas no Brasil. Terminômetro – A terminologia no Brasil*. Barcelona: n. 3, 1998a. Número Especial.

_____. (Org.) *Glossário de termos neológicos da economia*. São Paulo: Humanitas, 1998b.

_____. *Definição terminológica: da teoria à prática*. São Paulo: Tradterm, n. 3, 1996.

BECHARA, E. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

- BIDERMAN, M. T. (Org.) *Lexicografia e lexicologia*. Alfa, 28 (Suplemento) 1-149, 1984.
- _____. *Teoria lingüística*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *A estrutura mental do léxico*. In: *Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo: T.A. Queiroz / Edusp, 1989, p. 131-145.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CABRÉ, M. T. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Empuries, 1993.
- COROMINAS, J.; PASCUAL, A. *Diccionario critico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Editora Credos, 1991, v. 2
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- GUERRA, A. M. M. (Coord). *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003.
- MAGALHÃES, M. O. de. *História e tradições da cidade de Pelotas*. 6ª ed. Pelotas: Ardotempo, 2011.
- MARQUES, A da F. *A economia do charque*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1992.
- NUNES, J. H. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Pontes, 2002.
- REY, A. *La terminologie: nomsetnotions*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.
- SILVA, G. G. *Breve dicionário etimológico de la lengua espanhola*. México: Fondo de Cultura Economica, 1993.
- SPINA, S. *Introdução à Edótica (Crítica textual)*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977.
- VERDELHO, T. *Os dicionários bilingues até o fim do séc. XVIII. Fonte privilegiada da lexicografia portuguesa*. In: *Actas do colóquio de lexicografia e lexicologia 26/27*. Lisboa: Universiadde Nova, 1990.

**EDITING OF DOCUMENTS AND STUDY OF THE CHARQUE
(JERKED BEEF) VOCABULARY IN SOUTHERN BRAZIL:
CONTRIBUTION TO THE HISTORY OF BRAZILIAN
PORTUGUESE: BRIEF NOTES**

ABSTRACT

This research brings fragments of the doctoral thesis entitled: *Edição de Documentos e Estudo do Vocabulário do Charque na Região Sul do Brasil: contribuição à história do português brasileiro*. The purpose of this paper is to present a brief historical contextualization of the charque - jerked beef; to demonstrate, in general, the methodology employed in the study of the charque vocabulary, which culminated in a lexicographical study. The analysis of these data is made in light of philological, lexicographical and geolinguistical studies in order to raise a discussion about the level of influence of the dialeto caipira – rustic dialect of São Paulo in southern Brazil, with the charque economy.

Keywords: jerked beef, lexicology, philology, lexicography, glossary.

Recebido em 14/10/2014.

Aprovado em 04/11/2014.